

3.2 Objetos sagrados da religiosidade afro-brasileira: a coleção Pietzcker do Museu Etnológico de Berlim.

Ana Paula Lima Silveira

Doutoranda – Universidade Federal de Pelotas;
anapaulalimasilveira@gmail.com

Resumo: Este artigo integra o meu projeto de doutorado e pretende ser uma investigação antropológica focada nas manifestações religiosas afrobrasileiras presentes no estado do Rio Grande do Sul (batuque, extremo sul do Brasil), tendo por base um conjunto de fontes documentais e imagéticas disponíveis na Alemanha que tomam como objeto de análise uma coleção de artefatos rituais afrogaúchos depositada no Museu Etnológico de Berlim e seus possíveis desdobramentos. A investigação se faz relevante tanto do ponto de vista arquivístico e museológico, quanto do ponto de vista antropológico, e pretende contribuir para o desenvolvimento de uma temática até os dias de hoje esparsamente documentada além de muito pouco estudada por pesquisadores. Trabalhando com uma combinação de novas fontes empíricas, conduzo “etnografia dos/nos museus e arquivos” alemães em um primeiro momento da pesquisa para, em um segundo, conduzir etnografia junto a comunidades religiosas de afrodescendentes gaúchos cujos rituais de batuque são exercidos e com cujos grupos já desenvolvi pesquisa etnográfica ao longo de meu mestrado. As linhas interpretativas sugeridas aqui preveem uma combinação de perspectivas teóricas advindas dos Estudos Pós-Coloniais de uma Antropologia Contemporânea.

Palavras-chave: coleções etnográficas; museus; arquivos.

Introdução

No bojo da constituição dos estudos de etnologia, diversos viajantes e cientistas alemães desembarcaram no Brasil durante o século XIX e início do XX, tendo alguns deles contribuído expressivamente para a ampliação e organização de coleções etnográficas, em sua grande maioria agrupadas atualmente no Museu Etnológico de Berlim (*EM – Ethnologisches Museum*)³.

Dentre essas coleções etnográficas, encontra-se uma de meu particular

³ O Museu Etnológico de Berlim tem por objetivo central apresentar o espectro da arte e da história cultural de povos não-europeus que, em conjunto com o Museu de Culturas Europeias (*MEK – Museum Europäischer Kulturen*) apresenta a história cultural e contemporânea da Europa. Ambos os museus buscam explorar cientificamente seus recursos no intuito de permitir a existência de investigação científica sobre as coleções com vistas à documentação e disponibilidade ao público. O primeiro em questão exhibe artefatos etnológicos das sociedades pré-industriais, em particular pré-hispânicas da América, mares do Sul e África Ocidental (SMB, 2007, p.11-2).

interesse, retrato ímpar da religiosidade afrobrasileira, que abarca um conjunto de objetos rituais provavelmente de escravos africanos contrabandeados para o extremo Sul do Brasil. Contando com originalmente 67 artefatos de rituais afrobrasileiros⁴, tem sua origem no estado do Rio Grande do Sul e chegou a Berlim em 1880, doada ao então Museu Real de Etnologia (*Königliches Museum für Völkerkunde*)⁵ pelo comerciante-viajante alemão Wilhelm Pietzcker.

Esta é a única coleção afro-americana em Berlim e uma das mais antigas presentes em qualquer museu europeu. Pode ser considerada como uma das mais extraordinárias de seu gênero por dois motivos: primeiro, porque foi adquirida durante o período de escravidão no Brasil e, segundo, porque não o sul, mas sim o nordeste do Brasil, especialmente o estado da Bahia, é conhecido como o “berço” da religiosidade afro-brasileira. Isso significa que esses objetos são importantes documentos do período de formação dos ritos afro-gaúchos. Os escravos africanos no RS vieram, em sua maior parte, de grupos étnicos de língua bantu de Angola e da área do Congo (Oro, 2002). Suas noções de fé sobreviventes no extremo sul do Brasil são chamadas de Batuque, sendo o mais conhecido o Candomblé da Bahia, mais ao norte. As diferenças entre o batuque e o candomblé decorrem das diferentes origens étnicas dos escravos africanos. Entre os artefatos da coleção estão insígnias (ferramentas de orixás), adornos rituais de iniciados (colares, pulseiras, chapéus), recipientes (de uso sacrificial), figuras ‘antropomórficas’ como bonecas, instrumentos musicais como *adjás* (sinos), entre outros.

A maior parte dos objetos é ornamentada com búzios, elemento decorativo de origem africana, alguns deles quase completamente cobertos pelos mesmos. Exercer rituais de matriz africana constituía ato proibido no Brasil durante o século XIX. Mesmo assim eram realizados em segredo em terreiros, onde a polícia costumava reprimir continuamente (Lírio de Mello, 1994)⁶. Confiscados durante uma grande

⁴ Esse número se refere à Lista de Objetos da Coleção Pietzcker (Slg. Pietzcker 1880), de acordo com os Livros de Inventário de Etnologia Americana (*Inventarbücher der Studiensammlung Amerikanische Ethnologie*) e Atas de Aquisição do Museu Real de Etnologia (*Erwerbungsakten aus Amerika Vol.6 und Vol.7, 1879-1881*). Os itens indicados abaixo com (*) asterisco não se encontram mais disponíveis, constando nas Fichas de Catalogação (*Karteikarten*) como “perdas de guerra” (*Kriegsverluste*). São eles: VB 257*, VB 262*, VB 264*, VB 266*, VB 267*, VB 269*, VB 275*, VB 284*, VB 285*, VB 286*, VB 317*, VB 321* (Karg, 2007, p. 40-1).

⁵ O museu receberia, em seguida, novas instalações com a construção de um novo prédio entre os anos de 1880 a 1884, mas cuja inauguração veio a se dar somente em dezembro de 1886 (Fischer, Bolz & Kamel, 2007).

⁶ Tendo realizado extensa pesquisa em jornais de Pelotas e Rio Grande do início do século XIX, o historiador pelotense Marco Antônio Lírio de Mello (1994, 1995) atestaria que a presença do batuquenesta região já existia desde o início do século XIX. De fato, a partir das décadas de 70 e 80

invasão policial a uma reunião religiosa secreta dirigida por um “mago negro” (*NegerZauberer*) à cerca de 100 negros e negras⁷, os artefatos teriam permanecido apreendidos em uma delegacia da província riograndense, destinados à destruição, até serem adquiridos pelo colecionador por meio de uma suposta “doação ao hospital local” (Hermannstädter, 2002, p. 25), cuja contribuição permitiu retirá-los de seu contexto original e enviá-los como “presente de acolhida” ao então recém diretor do *Königliches Museum für Völkerkunde*, o etnólogo Adolf Bastian⁸, considerado o pai fundador da disciplina *Völkerkunde* (Antropologia Alemã).

Embora a coleção tenha chegado a Berlim em julho de 1880, ela só viria a ser conhecida durante a exposição “*Deutsche am Amazonas – ForscheroderAbenteurer? Expeditionen in Brasilien 1800-1914*”⁹ ocorrida em 2002 no Museu Etnológico de Berlim. Esta exposição tratava justamente deste olhar alemão sobre uma sociedade cuja organização em tudo diferia dos parâmetros até então conhecidos. Ela trouxe pela primeira vez ao alcance do público o maior acervo de objetos etnográficos brasileiros existentes fora do país (Elias, 2002, p. 18). Cerca de uma década antes da abolição da escravatura se dar, os artefatos retratam o ambiente social e histórico dos escravos africanos no Sul do Brasil, estando entre os mais antigos e raros testemunhos da religião afrobrasileira (Pinto, 2002; Herrmanstädter, 2002). Tendo sido objeto de estudo do etnomusicólogo brasileiro Tiago de Oliveira Pinto (2002) em uma primeira ocasião e, logo em seguida, da etnóloga alemã SilkeKarg (2007), pode-se afirmar que a coleção Pietzcker (*SammlungPietzcker 1880*) recebeu certa atenção de ordem investigativa. Como exemplo disso, o artigo intitulado “*Religiöse Kultobjekte afrikanischer Sklaven in Brasilien*” publicado no catálogo da exposição pioneira¹⁰ atenta pela primeira vez para o mais antigo documento histórico dos cultos religiosos de escravos africanos no Brasil existente em um museu. O empenho do autor por

do mesmo século, os jornais da região de Pelotas e Rio Grande apresentam, com alguma regularidade, em suas páginas policiais, matérias sobre cultos de matriz africana. Nos jornais Correio Mercantil e Jornal do Comércio, de Pelotas, bem como no jornal Gazeta Mercantil de Rio Grande, por exemplo, podem ser lidas recorrentes prisões de “feiticeiros” e “feiticeiras” (cfe. Jornal do Comércio, Pelotas, 9 abr. 1878; Correio Mercantil, Pelotas, 15 mar. 1877). Já em Porto Alegre, as notícias relativas ao Batuque datam da segunda metade do século XIX, quando supostamente teria se dado a migração de escravos e ex-escravos da região de Pelotas e Rio Grande para a capital (Oro, 2002, p. 349)

⁷ Conforme mencionado na própria carta escrita por Wilhelm Pietzcker a Adolf Bastian. Fonte: *ErwerbungsaktenausAmerika Vol. 6/1987-80 (EM)*.

⁸ Diretor do museu etnográfico de Berlim de 1873 a 1905

⁹ “Alemães na Amazônia – Pesquisadores ou Aventureiros? Expedições no Brasil 1800-1914” [tradução minha]. Exposição Temporária no Museu Etnológico de Berlim de 18.04.2002 a 10.11.2002.

¹⁰ *Deutsche am Amazonas – ForscheroderAbenteurer?: Expeditionen in Brasilien 1800 bis 1914*. In: *Veröffentlichungendes Ethnologischen Museums Berlin, N.F. 71, Fachreferat Amerikanische Ethnologie IX. Staatliche Museen zu Berlin – Preußischer Kulturbesitz, Ethnologisches Museum. 2., unveränd. Aufl. Berlin: LitVerlag, 2005. p. 56-65. [2002]*

uma tentativa de recontextualização etnográfica dos objetos históricos adota, contudo, como universo empírico de referência um contexto regional completamente distinto – neste caso São Paulo e Rio de Janeiro – daquele de sua real procedência.

Diferentemente de Karg (2007) cujo artigo “*Afro-brasilianische Kultobjekte aus Rio Grande do Sul – die Sammlung Pietzcker*” denota, apesar da ausência de uma proposta etnográfica, uma contextualização historiográfica de maior consistência fruto de pesquisa intensiva advinda de um estágio de dois anos da etnóloga junto ao museu, Tiago Pinto (2002) se envereda por uma análise distinta, de cunho etnográfico, baseada em possíveis comparações entre o conjunto de objetos do passado com os objetos e utensílios rituais do “presente”, provocando a inserção de registros visuais da coleção em contexto etnográfico, isto é, diante de alguns sacerdotes de religião (nesse caso, sacerdotes de candomblé). Importantes suposições são levantadas em uma primeira tentativa de categorização dos artefatos que parte desde a descrição dos materiais utilizados em sua confecção, dos usos e significados que cada um adquire tendo por referência a mitologia dos orixás e as suas simbologias, bem como os territórios que os envolvem e a que pertencem.

Museus e arquivos

Figura 1 – Ethnologisches Museum Berlin (2012).

Figura 2 – Ethnologisches Museum Berlin (1886), recém fundado em Berlim



Fonte: Autora.

Posta a digressão, que é muito parcial, em torno da relação etnográfica, a pergunta que se coloca é: quais as possibilidades de uma etnografia de arquivos e museus? Para isso, podemos começar por pensar em que consistem os arquivos e

os museus, e fazê-los partindo dos traços comuns à enorme diversidade de objetos designados pelos termos “arquivo” e “museu”.

A partir de uma primeira constatação – de ordem histórica – que faz entroncar na formação da modernidade a constituição de um complexo arquivístico: arquivos, museus e bibliotecas nascem conjuntamente com a emergência do capitalismo (economia); a emergência do Estado-Nação (política) e a emergência do indivíduo (psicologia) (Brown; Davis-Brown, 1988, p. 18). Nessa configuração, o complexo de arquivo emerge como lugar não da “memória tribal sagrada, mas da memória nacional secular” (idem, op. cit., p. 19). Nesse sentido, os arquivos – mais do que simplesmente guardar a memória – de fato, manufaturam-na.

Conseqüentemente, a questão da produção da memória, como processo construtivo, assimétrico no recrutamento de quem os produz, envolve relações de poder.

Nenhum corpo de saber pode chegar a formar-se sem um sistema de comunicação, registro, acumulação e deslocamento que é em si mesmo uma forma de poder e que está ligado, na sua existência e funcionamento, a outras formas de poder. Reciprocamente nenhum poder pode ser exercido sem a extração, apropriação, distribuição ou retenção de conhecimento. A este nível, não há conhecimento de um lado e sociedade do outro, ou ciência e o estado, mas apenas as formas fundamentais de poder/saber (Foucault, 1980, p. 131).

A arquitetura dos arquivos é tanto mais elusiva quanto mais ela se distribui por formas de poder delegadas em processos técnico-rationais que são, ostensivamente, não políticos. O trabalho técnico-rationais é necessário à manutenção e mesmo à definição do arquivo moderno, compreende atividades habitualmente rotineiras e desempenhadas a um nível micro, mas contribuem à formação da memória nacional, coletiva e pública, e, conseqüentemente, às concepções partilhadas das suas origens, natureza e destino (Brown; Davis-Brown, 1988). As concepções partilhadas não são, necessariamente, consensuais, dada, por sua vez, sua ocorrência na história e, conseqüentemente, a natureza dinâmica da relação entre grupos e respectivos arquivos, susceptível de rupturas de consenso, abertas a conflitos e disputas, sujeitas à negociação permanente.

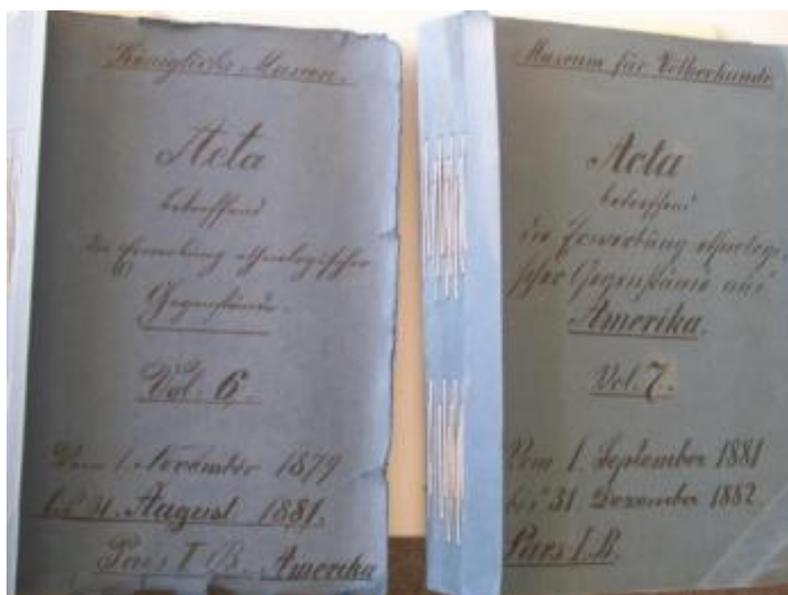
Pesquisador Colaborador: Herr Malareck. Pesquisadora Visitante: Ana Paula Lima Silveira



Fonte: Autora.

Pode assim se pensar o arquivo e o museu como uma modalidade de conhecimento em articulação privilegiada com as formas de conhecimento que sustentam o mundo secular: as ciências. A associação entre arquivar, colecionar e conhecer se registram em vários domínios científicos com diferentes consequências. Uma associação inicial remete para a percepção do conhecimento científico como cumulativo e para a correlativa possibilidade de sua constituição a partir de conjuntos de objetos discretos, classificáveis e acumuláveis. A acumulação de objetos etnográficos, por exemplo, pode ser entendida como uma variante disciplinar do estabelecimento de formatos estandardizados de coleções de dados, passível de sustentar um trabalho semelhante ao das Ciências Naturais. A coincidência entre o conhecimento de determinada área disciplinar e a coleção de objetos dessa área (sejam eles espécimes biológicos ou amostras geológicas) decorre desta primeira associação manifesta nas Ciências Sociais, nas correntes de concepções positivistas nas quais os dados suscetíveis de serem arquivados seriam também suscetíveis de quantificação.

Figura 6 – Atas de Aquisição do Museu Real de Etnologia.



Fonte: (Erwerbungsakten aus Amerika Vol.6 und Vol.7, 1879-1881)

Jacques Derrida identifica as funções do arquivo como sendo as de unificação, identificação e classificação. Essas características obedeceriam aos princípios topológico e nomológico: cada coisa no seu lugar; cada coisa com um nome (1995, p. 3). Nem o lugar nem o nome, porém, são aleatórios. Neste lugar da exclusão absoluta da desordem e do desconhecido, nome e lugar obedecem ao que designa por poder de consignação, ou seja, obedecem ao poder de realizar [...] o objetivo de coordenar [os registros do arquivo] num *corpus* único, num sistema ou sincronia na qual todos os elementos articulam a unidade de uma configuração ideal” (ibidem).

O arquivo e o museu são assim simultaneamente institutivos e conservativos. A conservação, o resguardo, a reclusão, fazem-se à custa da fabricação de uma lei e da imposição do respeito por essa lei, que são, em última instância, formas da violência arquivística (idem, op. cit., p. 7), precisamente por não decorrerem da natureza das coisas, mas, antes, por intervirem nelas, no mundo e nas relações entre os sujeitos. Na medida em que se integram em diferentes modalidades de percepção e conhecimento do mundo, essas formas da “violência arquivística” colonizam a possibilidade de conhecer.

A percepção do arquivo como uma forma de colonização é inspirada no trabalho de Foucault, para quem o arquivo não é um cúmulo de objetos discretos, discursos específicos ou de locutores particulares, mas um sistema de demarcação entre práticas discursivas cessantes e práticas discursivas em vigor. O arquivo não designa, para Foucault, a Biblioteca das bibliotecas ou o Museu dos museus. Não

designa instituições ou espaços concretos; designa antes uma prática simultaneamente difusa e sistemática, de diferenciação. Designa um trabalho de exclusão que funciona como diagnóstico do presente e que se “manifesta por fragmentos, por regiões e por níveis” subtraindo-se à possibilidade de uma descrição total (1969, p. 171).

É, neste sentido, de uma institucionalidade difusa, fragmentária e multinivelada que a “violência arquivística” (que pode, descartando a leitura psicanalítica de Derrida, substituir-se sem outro prejuízo por “cultura de arquivo”) assume cunho colonial. Literalmente tudo, sob essa ótica, é suscetível de ser arquivado e colecionado, porque assim o é, o arquivo e o museu tornam-se uma forma de conhecimento inerente a outras modalidades. São essas modalidades de conhecimento, as articulações entre si, as especificidades históricas de sua constituição e desenvolvimento, bem como o universo de representações culturais que permitem constituir um campo de uma etnografia do arquivo e do museu.

A coleção Pietcker como objeto etnográfico

Tomar as coleções como objetos etnográficos parte da ascensão do deslocamento contemporâneo do espaço discursivo da etnografia, por relação com a noção clássica, na disciplina antropológica, segundo a qual a etnografia cumulativamente publicada constitui a sua contribuição mais básica para o conhecimento. George Marcus, por exemplo, registra que esse arquivo etnográfico se institui na tensão entre o realismo contemporâneo da produção da etnografia e o relativismo que sua contextualização futura no arquivo antropológico – onde é inscrito segundo as categorias contingentes da sua produção (área geográfica, temática etc.) – lhe atribui (1998, p. 50).

Na execução da etnografia, por sua vez, o investigador produz e faz uso de um amplo conjunto de registros escritos, gráficos, sonoros, fílmicos etc., que constituem, por um lado, seu arquivo pessoal e, por outro, um diretório de verificação e autorização dos elementos aos quais, desse arquivo, é dada existência pública (idem, op. cit., p. 53). Note-se que o realismo etnográfico não é, nessa perspectiva, uma decorrência intrínseca ao trabalho do campo (“a magia do etnógrafo” que Stocking (1983) identifica nos escritos de Malinowski sobre o método a que se aludiu anteriormente), mas o produto deliberado do trabalho sobre uma série de materiais de diferentes propósitos, com vista a conferir-lhes a autonomia e a autoridade que os habilita a entrar no arquivo e no museu.

Mas, em nosso caso em particular, com esta coleção de artefatos da religiosidade afro-brasileira, como seria possível utilizar determinados objetos, transformados em “documentos” e mantidos em um museu particular, como “fonte”, “texto” e pretexto para um encontro etnográfico? Seria possível experimentar um tipo particular de diálogo, relação e encontro etnográfico a partir de práticas supostamente limitadas aos pesquisadores de arquivos e historiadores, tais como “ler documentos”, “ver imagens/objetos” ou “ouvir sons/vozes”? Como compartilhar a experiência solitária e, por vezes, autoritária de ler, decifrar e interpretar o que se abriga em coleções e arquivos? Até que ponto registros feitos por outrem sobre o nosso passado colonial, transformados pelos regimes de verdade próprios dos arquivos e museus, poderiam “fazer sentido” e incitar a produção de novas narrativas, não só sobre o passado convertido em “documento”, mas também sobre o presente tornado relevante e sujeito a novas leituras e encontros? É justamente inspirada por esses questionamentos que proponho aqui refletir sobre as ambigüidades e tensões derivadas da experiência etnográfica vivenciada num campo igualmente marcado pelos encontros e relações diversas de conhecimento: o museu e o arquivo (Cunha, 2005, p .17).

De um ponto de vista metodológico, a proposta ora aqui presente reflete sobre o uso de fontes arquivísticas na pesquisa antropológica e sua relação com a produção etnográfica. Propõe, em outros termos, também uma “etnografia do/nos arquivos” (Cunha, 2005; Castro & Cunha, 2005), cujo esforço implica em uma releitura dos significados atribuídos às coleções etnográficas e de seus usos na pesquisa de campo e na etnografia. Cunha (2004), em um texto a propósito dos arquivos da antropóloga norte-americana Ruth Landes, identifica um *locus* de ambigüidade inerente ao arquivo: onde começa e termina – no caso de Ruth Landes como, arriscaria eu, de qualquer outro profissional – o domínio do “pessoal” e o domínio do “profissional” (idem, p. 296). Esta ambigüidade não é solúvel pela própria classificação arquivística; distinguir “arquivo pessoal” de “arquivo etnográfico” parece, pelo contrário, iludir o fato de qualquer arquivo – uma hipótese que gostaria de contrapor – conter as fontes para sua interpretação etnográfica.

Conforme observam os antropólogos Celso Castro e Olívia Maria da Cunha (2005), cada vez com mais intensidade, antropólogos têm realizado um tipo de trabalho de pesquisa – nos arquivos e sobre arquivos – tradicionalmente associado a historiadores ou arquivistas. Além de utilizar arquivos como fonte de conhecimento para a produção de suas análises, desde, pelo menos, os anos 1980, os antropólogos

têm refletido sobre a natureza de registros documentais transformados em *fontes* e, em alguns casos, têm produzido e/ou organizado arquivos e coleções a partir de uma perspectiva antropológica¹¹.

É um arquivo/coleção etnográfica de quê? De um sujeito ou de uma comunidade? Pessoal, privado, constituído pelo próprio ou comum, de informação pública, produzido por uma instituição? Que objetos compõem esse arquivo? Edifícios? Mesas? Estantes? Prateleiras? Gavetas? Os materiais de arquivo incluem objetos? Textos? Imagens? São materiais físicos ou virtuais? Coisas palpáveis ou meramente digitais? Sem local identificável, migrável a qualquer instante para instância indeterminável? Disponibilizado pelo próprio, ou um seu representante, ou por uma instituição? Ou por uma empresa mediante acordo prévio, (mas com outra formulação mais conforme aos padrões contratuais atuais)? Todos esses questionamentos devem ser feitos. Buscarei respondê-las de acordo com o estudo de caso em questão.

Objetos religiosos de escravos africanos do extremo sul do Brasil

Figuras 7 e 8 – *Acutá* para o Orixá Xangô.



Fonte: Autora.

A questão é que neste caso se tratam de objetos sagrados da religiosidade afro brasileira retirados de seu contexto original (Rio Grande/Rio Grande do Sul no ano de 1880) por um viajante-comerciante alemão. Segundo as atas de aquisição

¹¹ Ainda assim, persiste, entre o público em geral e no mundo acadêmico (mesmo entre os próprios antropólogos), a idéia de uma associação privilegiada da antropologia com um modelo de pesquisa de campo consagrado desde a clássica introdução de Malinowski a Argonautas do Pacífico Ocidental, de 1922.

das Américas presentes e estudados por mim no Museu (e conforme constam previamente na *Nota de Rodapé 12*) indicam em tudo uma rede de relações muito bem traçadas por alemães com diferentes interesses e de diferentes origens em busca de materiais no mínimo “interessantes” no intuito de compor os “gabinetes de curiosidades” do que viria a se tornar o primeiro Museu de Etnologia Alemã, em Berlim, com data de fundação de 1886 e que Adolf Bastian idealizava como sendo “Um Arquivo Universal da Humanidade”.

Um propósito central de uma etnografia do arquivo é articular, ao correr do tempo, os formatos móveis das redes de agentes sociais que em torno do arquivo se vão formando, reformando e alterando. As relações que entre si e com o arquivo estabelecem; as posições relativas que vão ocupando e permitindo práticas específicas nessa configuração. Já os objetos, quaisquer objetos – é outro fator heurístico da análise de artefatos – são agentes sociais. Não porque sejam, por si próprios, dotados de intencionalidade, mas por atuarem por delegação humana (Gell, 1998) e, usualmente, em associação com agentes humanos. Em torno de qualquer objeto se sustenta uma rede de agentes, humanos e não humanos (Latour, 1989 e 1991), que animam a materialidade do arquivo numa relação de determinação mútua.

O universo empírico que trago ora aqui neste artigo se trata de um recorte; recorte de minha proposta de tese (em andamento, aliás). A esta altura se faz relevante tanto do ponto de vista arquivístico quanto do ponto de vista etnográfico e museológico, também articular este estudo de caso, cuja contribuição só vem ao encontro do desenvolvimento de uma temática até os dias de hoje esparsamente documentada.

A história da escravidão africana e seus rituais religiosos no extremo Sul do Brasil ainda permanecem lacunas nos estudos da área. Trabalhando com uma combinação de novas fontes, estou conduzindo – para além da já realizada etnografia de arquivos e de museus na Alemanha – uma tentativa de (re)contextualização etnográfica da coleção junto às comunidades de afrodescendentes estudadas anteriormente (Silveira, 2020).

Abaixo é possível vislumbrarmos a categorização dos objetos da coleção Pietzcker, conforme consta nas atas e documentação do Museu Etnológico de Berlim.

Figuras 9,10, 11 e 12 – ferramentas dos Orixás



VB 268 – Espada para Ogum.



VB 263 – Faca com adjá para Ogum.

Fonte: Autora.



VB 273 – Ieruxin para lansã (crina de cavalo).



VB 268 – Oxé para Xangô.

Adornos rituais dos iniciados

Figura 13



VB 283, VB 315, VB 320
Pulseiras dos Iniciados

Fonte: Autora.

Recipientes sacrificiais

Figuras 14 e 15



VB 288, 289 – Recipiente sacrificiais aos orixás, de duas partes com representação de uma cabeça com dois chifres.



VB 296 – Recipiente sacrificiais aos orixás, feito de madeira e revestido com búzios e miçangas.

Fonte: Autora.

Figuras antropomórficas

Figuras 16 e 17



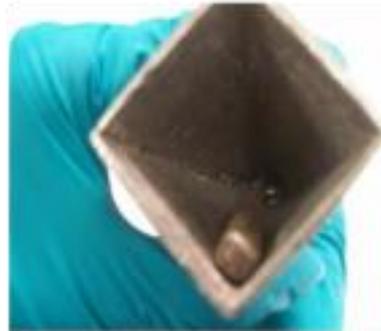
VB 271 – Boneca de madeira revestida de tecido vermelho. Figura feminina com criança embaixo de um dos braços.



VB 302 – Boneca de madeira, revestida de tecido vermelho. Figura masculina, carregando um machado embaixo de um dos braços.

Fonte: Autora.

Figura 18



VB 255 – Adjá (sino) de estanho, com figura de pomba.

Fonte: Autora.

Categorias outras e/ou desconhecidas

Figura 19



VB 308 – Behälter

Fonte: Autora.

Sobre o caráter e a metodologia de pesquisa pode ser afirmado que o 'campo' são os arquivos e a coleção etnográfica depositada no Museu Etnológico de Berlim. Neste caso, o recorte a ser estudado se encontra em documentos, objetos, atas,

correspondências, narrativas e relatos de viagem, conforme vimos anteriormente¹². Como se trata também de material histórico foi necessário combinar métodos históricos de pesquisa com abordagens antropológicas de observação e interpretação (Dülmen, 2001). Além disso, o ‘campo’ teve de ser “multilocalizado”, como na proposta etnográfica de Marcus (1986, 1995). Na verdade, a proposta acaba reunindo uma pluralidade de aportes metodológicos – uma vez que tal objeto exige uma combinação de diferentes abordagens que vão desde a arquivística, a historiográfica até a etnográfica – cuja investigação buscará seguir as linhas interpretativas do que se denomina na Alemanha *Empirische Kulturwissenschaft* (Ciências Culturais Empíricas)¹³ também conhecida por Antropologia Cultural, caracterizada pela combinação de particular abordagem empírica em conjunto com o uso de métodos qualitativos. “*Por esse viés, a pesquisa em arquivo não aparece como antítese da pesquisa de campo, e sua transformação em uma etnografia não é vista com ceticismo*” (Cunha, 2004, p. 293).

Considerações finais

A esta altura cabe fazer uma síntese deste artigo. Em breves palavras, procurei estabelecer alguns princípios de análise de arquivos com base no exercício etnográfico. Explorei o exercício etnográfico como uma prática relacional, que envolve riscos, mas que tem as vantagens de uma grande plasticidade na inventariação e análise de contextos sociais, os quais por sua vez, existem apenas em relação. Os arquivos, como mencionado, são “coisas”. A vantagem de pensar o arquivo como “coisa” reside na possibilidade de retirar dele as condições – que ele próprio encerra – de sua análise etnográfica. Essa análise implica transcender as fronteiras de que o arquivo se entretetece e com as quais se nos apresenta em forma

¹² Foi dada prioridade às atas de aquisição do museu no período compreendido entre 1878 e 1886 e às correspondências oficiais de Adolf Bastian com as supostas redes de contatos internacionais traçadas entre Berlim, Hamburg e a então Província do Rio Grande do Sul, rede esta formada por colecionadores, comerciantes, diplomatas, cientistas, entre outros.

¹³ Nesse caso, portanto, as Ciências Culturais Empíricas percebem a cultura como o permanente arranjo de regras e significados, de acordo com os quais grupos e sociedades vivem em conjunto, comunicam e também se distinguem uns dos outros, como eles lidam com o patrimônio natural e cultural e que imagem eles próprios têm dessas relações. Aliada a essa combinação de métodos da Antropologia Cultural (*Volkskunde*) e da Etnologia Alemã (*Völkerkunde*). Por possuir uma variedade de domínios de investigação, a abordagem metodológica que lhe acompanha pode incluir desde a investigação de fontes de arquivo e a análise da cultura material, bem como a pesquisa de campo com uso de imagens, análise de fotografia e de vídeos, assim como análise do discurso. Como ciência com particular abordagem empírica, também se utilizam métodos qualitativos, tais como pesquisa de campo, observação participante, “entrevistas narrativas” – e “descrições densas”.

terminada. Uma etnografia do “arquivo” implica tomá-lo por ponto nodal de redes sobrepostas de relações sociais. É, nessa medida, uma etnografia de destituição.

Implica partir dele e destituí-lo, permanentemente, de sua condição de coisa terminada, e procurar – nas suas prateleiras, gavetas, fichas, textos, imagens, registros, anotações e por aí a fora – os enunciados de sua própria constituição; procurar os ritmos da progressiva acumulação, ou reformulação de seus materiais e acompanhar os agentes que mobilizaram critérios de relevância; compreender as razões de suas escolhas; contextualizar as condições de sua aplicação; inventaria as redes de circulação de práticas, sujeitos e ações que foram gravitando em torno do “arquivo”, incluindo nelas as que ultrapassam seu âmbito, mas, eventualmente, afetam sua dinâmica. A mesma analogia também se pode fazer com relação à uma etnografia do museu, conforme se pôde vislumbrar ao longo do artigo.

O que seria – acredito – exercer de um modo exaustivo as possibilidades da etnografia de um arquivo e de um museu. Uma etnografia afinada por um programa deliberado de recusar tomar o arquivo e o museu e os seus efeitos instituintes como ‘coisa acabada’, como um *opus operatum*, para, programaticamente, o restituir povoado de diversos e, frequentemente conflituais, *modus operandi*, realizados por sujeitos concretos, em configurações históricas particulares.

Referências

APPADURAI, Arjun. “**Archive and Aspiration**”. In: Brouwer, Joke; Mulder, Arjen (ed.). *Information is Alive*. Rotterdam: V2 Publishing/NAI Publishers, 2003. Disponível em: www.appadurai.com/pdf/arch_asp.pdf. Acesso em: 27 de maio 2011.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. 6ª ed. (Tradução Celso Castro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

Bolz, Peter. **Feldforschung in Berlin**: Yup'ik, Älteste Erforschung, ihre eigene Kultur, ethnologisches Museum. In: *Baessler-Archiv N.F.52*, p. 209-212, 2004.

BOUQUET, Mary. “**Exhibiting Knowledge**: The Trees Dubois, Haeckel, Jesse and Rivers, at the Pithecanthropus Centennial Exhibition”. In: Strathern, Marilyn (ed.). *Shifting Contexts: Transformations in Anthropological Knowledge*. Londres: Routledge, 1995, p. 31-55. Brown, Richard Harvey; Davis-Brown, Beth. “The Making of Memory: The Politics Archives Libraries and Museums in the Construction of National Consciousness”. *History of the Human Sciences*, v. 11, n. 4, Special Issue: The Archive, 1998, p. 17-32.

CARDOSO, Ruth. **Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método**. In: *A Aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CASTRO, Celso & CUNHA, Olívia Maria Gomes da. **Quando o campo é o arquivo**. In: *Estudos Históricos* nº 36, p. 3-5, Rio de Janeiro, 2005.

CLIFFORD, James. **Museums as contact zones**. In: *Routes, Travel and Translation in the late twentieth century*. Cambridge, Massachusetts e Londres: Harvard University Press, 1997.

COSTA, Maria Cristina C. **Etnografia de arquivos – entre o passado e o presente**. In: *Matrizes* Ano 3, Nº 2, jan./jul., 2010, p. 171-186. 79

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. **Tempo Imperfeito: uma etnografia de arquivo**. In: *Mana* 10(2), p.287- 322, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v10n2/25162.pdf>.

_____. Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografia do/nos arquivos. In: **Estudos Históricos** nº 36, p.7-32, Rio de Janeiro, 2005.

DERRIDA, Jacques. **Archive Fever: A Freudian Impression**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996 [1995].

DÜLMEN, Richard van. **Historische Anthropologie**. 2. Aufl. (UTB für Wissenschaft, 2254). Köln, Weimar, Wien: Böhlau, 2001.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Antropologia social**. Lisboa: Editora 70, 1983 [1951].

FISCHER, Michael M. J.; Marcus, George E. **Anthropology as Cultural Critique: an experimental moment in the human sciences**. Chicago: The University Of Chicago Press, 1986.

FISCHER, Manuela; Bolz, Peter and Susan Kamel (Eds.). **Adolf Bastian And His Universal Archive of Humanity**. The Origins of German Anthropology. Hildesheim, Zürich, New York: Georg Olms Verlag, 2007.

FOUCAULT, Michel. **L'archéologie Du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.

_____. **The Will to Truth**. Londres: Tavistock, 1980.

FRANK, Erwin H. Viajar é preciso. Theodor Koch-Grünberg e a *Völkerkunde* alemã do século XIX. In: **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2005, v. 48, nº 2, p.559-584.

GEERTZ, Clifford. **ThickDescription: Towards an Interpretive Theory of Culture**. In:_____. *The Interpretation of Cultures*. Nova York: Basic Books, 1973.

GELL, Alfred. **Art and Agency: An Anthropological Theory**. Oxford: Clarendon Press,1998.

GOLDSTEIN, Ilana. **Reflexões sobre a arte 'primitiva': o caso do MuséeBranly**. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre ano 14, n. 29, p. 279-314, jan./jun. 2008.

GOMES DA CUNHA, Olga Maria. **Tempo imperfeito**: Uma etnografia do arquivo. *Mana –Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 10, 2004, p. 287-322.

HAAS, Richard. **Brasilien An der Spree**: Zweihundert Jahre ethnographische Sammlungen in Berlin. In: *Veröffentlichungen des Ethnologischen Museums Berlin, N.F.71, Deutsche am Amazonas - Forscher oder Abenteurer?: Expeditionen in Brasilien 1800 bis 1914. Staatliche Museen zu Berlin - Preußischer Kulturbesitz, Ethnologisches Museum. 2.*, unverändert. Aufl. Berlin: Lit Verlag, 2005. p.16-25. [2002]

HANNERZ, Ulf. **The Global Ecumene as a Network of Networks**. In: Kuper, A. (ed.). *Conceptualizing Society*. Londres: Routledge, 1991.

HARTMANN, Horst. **Abteilung Amerikanische Naturvölker**. In: 100 Jahre Museum für Völkerkunde Berlin. *Baessler-Archiv N.F. XXI*, 1973. p. 219-258.

HERMANNSTÄDTER, Anita. **Deutsche am Amazonas – Forscher oder Abenteurer? Expeditionen in Brasilien 1800-1914. Auseinandersetzung mit fremden Lebenswelten. Sonderausstellung im Ethnologischen Museum Berlin vom 18.4.-10.11.2002**“. In: *Deutsch Brasilianische Hefte. Tópicos 3/2002*. Berlin, Bonn: eine Publikation der Deutsch

Brasilianischen Gesellschaften.V. und des Lateinamerika-Zentrums, 2002, p. 22-25. _____. „Brasilien - Land der Zukunft. Naturkundliche Expeditionen "1800-1831". In: *Veröffentlichungen des Ethnologischen Museums Berlin, N.F. 71, Deutsche am Amazonas - Forscher oder Abenteurer?: Expeditionen in Brasilien 1800 bis 1914. Staatliche Museen zu Berlin - Preußischer Kulturbesitz, Ethnologisches Museum. 2.*, unverändert. Aufl. Berlin: Lit Verlag, 2005. p. 26-43. [2002]

_____. „Symbole kollektiven Denken. Adolf Bastians Theorie der Dinge“. In: *Idem, ibidem*. p. 44-55.

KARG, Silke. **Afro-brasilianische Kultobjekte aus Rio Grande do Sul – die Sammlung Pietzcker**. In: *Baessler-Archiv Band 55*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 2007. p. 19-41.

KARP, Ivan Lavine, Steven D. (Eds.). **Exhibiting Cultures**: the poetics and politics of museum display. Washington: 1991.

_____. **Museums and communities**: the politics of public culture. Washington [u.a.]: Smithsonian Institution Pr., 1993.

KÖNIG, Viola. (Ein)Sammeln, (Ab)Kaufen, (Aus)Rauben, (Weg)Tauschen: Zeitgeist und Methode ethnographischer Sammlungstätigkeit in Berlin “. In: *Lob zum Sammeln*. 2005.

KÖPPING, Klaus-Peter. *Adolf Bastian and the Psychic Unity of Mankind. The Foundations of Anthropology in Nineteenth Century Germany*. St. Lucia/London/New York, 1983.

LAYTANO, Dante de. **O Negro no Rio Grande do Sul**. In: *Estudos-Ibero-*

Americanos 21(1), 1995, p.119- 160.

LATOURE, Bruno. **Joliot**: A história e a física misturadas. In: Serres, Michel (org.). Elementos para uma História das Ciências III: De Pasteur ao Computador. Lisboa: Terramar, 1991 [1989], p. 131-55.

_____. **We Have Never Been Modern**. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1993 [1991].

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonauts of Western Pacific**: Na Account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea. Londres: George Routledge & Sons, 1922.

_____. **Coral Gardens And Their Magic**: A Study of the Methods of Tilling the Soil and Agricultural Rites in the Trobriand Islands. Londres: George Routledge & Sons, 1935.

MCCRACKEN, Grant. Pop-Tech Conference. 2007. Preziosi, Donald. **The Question of Art History**. Critical Inquiry, v. 18, n. 2, 1992, p. 363-86.

MARCUS, George E. Contemporary Problems of Ethnography in the Modern World System. In: Clifford, James & Marcus, George (Eds.). **Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography**, pp. 165-193. Berkeley, CA: University of California Press, 1986.

_____. **The One and Future Ethnographic Archive**. History of the Human Sciences, v.11, n. 4, Special Issue: The Archive, 1998, p. 49-63.

_____. **Ethnography In/of the World System**: The Emergence of Multi-Sited Ethnographies. In: *Annual* Mayer-Schönberger, Viktor. Delete: The Virtue of Forgetting in the Digital Age. Princeton: Princeton University Press, 2009.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In: O trabalho do antropólogo. São Paulo: Unesp, 2000. p. 17-36.

ORO, Ari Pedro (Org.). **As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.

_____. **Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul. Passado e Presente**. In: Estudos Afro-Asiáticos Vol. 24, N°2, Rio de Janeiro, 2002, p. 345-384.

PEERS, Laura and Alison K. Brown (eds.). **Museums and sources communities**: A Routledge Reader. London, New York: Routledge, 2003.

PENNY, Glenn. **Objects Of Culture**: Ethnology And Ethnographic Museums in Imperial Germany. Chapel Hill: University Of North Carolina Press, 2002.

PENNY, Glenn & Bunzl, Matti. **Worldly Provincialism: German Anthropology in the Age of Empire**. Social History, Popular Culture and Politics in Germany. Michigan: University Of Michigan Press, 2003.

Pinto, Tiago de Oliveira. Religiöse Kultobjekte afrikanischer Sklaven in Brasilien. In: *Deutsche am Amazonas - Forscher oder Abenteurer?: Expeditionen in Brasilien 1800 bis 1914. Staatliche Museen zu Berlin - Preußischer Kulturbesitz, Ethnologisches Museum*. 2., unverändert. Aufl. Berlin: Lit Verlag, 2005. p. 56-65. [2002]

POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. "**Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural**". In: Figueiredo, Betânia Gonçalves & Vidal, Diana Gonçalves (Orgs.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2005. p. 151-162. Prussat, Margrit. *Bilder der Sklaverei: Fotografien der afrikanischen Diaspora in Brasilien 1860-1920*. Rabinow, Paul. *Reflections on Fieldwork in Morocco*. Chicago: Chicago University Press, 1977. Reynolds, Barrie. "Material Systems: An Approach to the Study of Kwandu Material Culture". In: Reynolds, Barrie; Stout, Margaret (ed.). *Material Anthropology: Contemporary Approaches to Material Culture*. Lanham: University Press of America, 1986, p. 155-85.

RUBY, Jay. **A Crack in the Mirror: Reflexive Perspectives in Anthropology**. Philadelphia: University Of Pennsylvania, 1982.

SHELTON, Anthony. "Questioning Locality: UBC Museum of Anthropology and its Hinterlands". *Ethnographica*, v.11, n. 2, 2007, p. 387-406.

STOCKING JR., George W. (ed.). **Malinowski, Rivers, Benedict and Others**. Madison: University Of Wisconsin Press, 1986.

_____. "**The Ethnographer's Magic: Fieldwork in British Anthropology From Tylor to Malinowski**". In: ____ (ed.). *Observers Observed: Essays on Ethnographic Field work*. Madison: University Of Wisconsin Press, 1983, p. 70-120.

VELODY, Irving. "**The Archive and the Human Sciences: Notes Towards a Theory of the Archive**". *History of the Human Sciences*, v. 11, n. 4, Special Issue: The Archive, 1998, p. 1-16. Reuter, Astrid. *Voodoo und andere afroamerikanische Religionen*. München: Beck, 2003.

SCHWARCZ, Lilia K. "**A era dos museus de etnografia no Brasil: o Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do XIX**". In: Figueiredo, Betânia Gonçalves & Vidal, Diana Gonçalves (Orgs.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2005. p. 113-136.

SILVEIRA, Ana Paula Lima. **Batuque de Mulheres: Aprontando Tamboreiras de Nação nas Terreiras de Pelotas e Rio Grande, RS**. Belo Horizonte: Ed. Dialética, 2020.

Westphal-Hellbusch, Sigrid. „Zur Geschichte des Museums“. In: *100 Jahre Museum für Völkerkunde Berlin. Baessler-Archiv N.F. XXI*, 1973. p. 1-99.

Westphal-Hellbusch, Sigrid. „Zur Geschichte des Museums“. In: *100 Jahre Museum für Völkerkunde Berlin. Baessler-Archiv N.F. XXI*, 1973. p. 1-99.